



**NAS ALDEIAS E NAS RESERVAS EXTRATIVISTAS:
IMAGENS E EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS AMAZÔNIDAS**

**INTO THE VILLAGES AND EXTRACTIVE RESERVES:
AMAZONIAN IMAGES AND EDUCACIONAL EXPERIENCES**

**EN LAS ALDEAS EN LAS RESERVAS EXTRATIVISTAS
IMÁGENES Y EXPERIENCIAS EDUCATIVAS EN AMAZONIA**

Aucirlene Santos da Silva ¹
Leonardo Zenha Cordeiro ²

RESUMO

O foto-artigo aqui apresentado traz imagens de duas experiências (LARROSA, 2002) de educadores na Amazônia Paraense. Essas imagens compõem o cotidiano de dois cursos de formação de professores nas aldeias e nas reservas extrativistas. O processo de trabalho nesses cursos trazem elementos que foram perpassados durante os dias que estiveram em contato com esses povos/territórios. (Re)elaborando novos olhares, perspectivas e principalmente formas de pensar/fazer (CERTEAU, 2009 e ALVES, 2003) os territórios, os povos, a escola e toda a relação de reprodução da vida. Nesse contexto, os períodos/experiências retratadas têm como perspectiva as imagens por considerar que, muitas vezes, no campo educacional a imagem não tem o protagonismo principal. A opção pelas imagens produzidas pelos autores deste foto-artigo explora sua potência individual e suas diversas aberturas na relação com os leitores deixando caminhos para novas interpretações.

PALAVRAS-CHAVE: . Foto -Artigo .Educação diferenciada. Experiencia. Aldeias.Reserva Extrativista .

ABSTRACT

The photo article presented here brings images of two experiences (LARROSA, 2002) of the educators in the Paraense Amazon. Those images make up the daily life of two teacher training courses in the villages and in extractive reserves. The work process in these courses brings elements that were represented during the days that were in contact with these peoples / territories. (Re) elaborating new perspectives, perspectives and mainly ways of thinking / doing (CERTEAU, 2009 e ALVES, 2003) the territories, the people, the school and the whole relationship of reproduction of life. In this context, the periods/experiences representend have the images as perspective, considering that, often, in the educational field, the image does not have the main role. The option for images produced by the authors of this photo-article explores their individual potential and their diverse openings in the relationship with readers, leaving paths for new interpretations.

KEYWORDS: Photo Article. Differentiated education. Experience. Villages. Extravista Reservation.

submetido em: 05/01/2021 – **Aceito em:** 11/01/2021 – **Publicado em:** 25/01/2021

1 Professora no município de São Pefiz do Xingu Pará - Atua como professora formadora do Município nas aldeias Indígenas da Região .É formada em Pedagogia pela UFPA

2 Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará desenvolve pesquisas na area da cultura digital é vinculado Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica (PPEB)- da Universidade Federal do Pará Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará

**RESUMEN**

La foto-artículo aquí presentado trae imágenes de dos experiencias (LARROSA, 2002) y educadores de la Amazonia Paraense. Estas imágenes componen el cotidiano de dos cursos de formación de maestros en las aldeas y reservas extrativistas. El proceso de trabajo en estos cursos traen elementos que fueron enseñados durante los días que estuvieron en contacto con estos pueblos/territórios. Desarrollando nuevas miradas, perspectivas y principalmente nuevas formas de pensar/hacer (CERTEUAU, 2009, ALVES, 2003) los territórios, los pueblos, la escuela y toda la relación de la reproducción de la vida. Em este contexto, los períodos/experiencias fotografadas tienen como perspectiva las imágenes por considerar que, muchas veces, en el campo de la educación la imagen no tiene protagonismo. La opción por las imágenes producidas por los autores de este foto-artículo explora su potencia individual y sus diversas aperturas en la relación con los lectores dejando caminos para nuevas interpretaciones.

PALABRAS CLAVE: Foto-artículo, Educación diferenciada, experiencia, aldeas, reservas extrativistas.

O foto artigo aqui apresentado faz parte das vivências de professores formadores nos territórios/povos da Amazônia Paraense a partir da imersão em dois processos educativos. O primeiro em comunidades Kayapó³ do subgrupo Kubẽkrãkejn, nas aldeias Pykakoti e Ngomejti e Kêdjêrekran, situadas às margem do Riozinho próximo do município de São Felix do Xingu-PA. O segundo em uma reserva extrativista do Projeto de Formação de Professores Extrativistas⁴ da Terra do Meio – Magistério⁵.

3 O termo Kayapó e Mẽbêngôkre tem o mesmo significado e se trata da mesma etnia ou grupo. Segundo Lea 2012, o nome Kayapó foi dado por outros povos indígenas e significa, em tupi, “homem semelhante ao macaco”. Os Kayapós que pertencem ao tronco linguístico Macro Jê, se autodenominam como Mẽbêngôkre “povo do buraco d’água”. Antes existiam três grupos principais o Irã-ãmranhre, Goroti Kumrenhtx e Porekry sendo que dois desses grupos foram extintos. O grupo Mẽbêngôkre faz parte do grupo sobrevivente os Goroti Kumrenhtx, que se dividiu em subgrupos como: Gorotire, Xikrim, Mẽtytire, Mẽkrãgnoti, Kararaô, Kubẽkrãkejn e Kôkraimôrô. (LEA, V012)

4 Reserva Extrativista é uma categoria de unidade de conservação cujos moradores são pensados como partícipes da construção de toda a diversidade biológica que aí se constituiu ao longo do tempo, vivendo dela baseados no extrativismo, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, assim como na pesca; além da finalidade de proteção à natureza em si, este modelo de UC tem por fim a proteção dos meios de vida e da cultura daqueles que aí se reproduzem física, biológica, cultural e simbolicamente. (Fonte <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/29258-o-que-e-uma-reserva-extrativista/>. Acesso julho 2020)

5 Este Projeto foi elaborado de forma colaborativa com as próprias comunidades demandantes e realizado por meio de parceria interinstitucional entre a Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará (UFPA) e a Escola de Aplicação (EA/UFPA), com o apoio do Ministério da Educação (MEC), e das Associações de Moradores das áreas envolvidas (AMORA, AMORERI, AMOMEX, e AERIM), com início em dezembro de 2015 e término em dezembro de 2019. Seu principal objetivo foi a formação de jovens

As imagens apresentadas são uma seleção curta de todo o processo de imersão no cotidiano vivenciado pelos educadores em sala de aula e fora dela em momentos de educação formal e em momentos de educação não formal. Os docentes vivenciaram experiências significativas e buscaram valorizar a diversidade da raiz cultural em suas práticas pedagógicas, considerando essa diversidade, composta de crenças, culturas e hábitos culturais, como fonte de transformação no processo educativo, devido as suas dimensões transformadoras .

As imagens fazem parte do par “*experiência/sentido*” indo ao encontro do que “digamos que mais existencial (sem ser existencialista) e mais estética (sem ser esteticista)” (LARROSA 2002, p.20)”, (re)pensando a educação, a cultura e a reprodução da vida .

A imagem é um ponto sensível exemplar da história, do pensamento, do conhecimento , até mesmo da ação política .A imagem é o lugar onde tudo é possível, tanto o pior como o melhor, e que devemos atravessar num momento ou noutro .(DIDI-HUBERMAN, 2017, p.96)



Imagem 1. O Barco .

O barco, a beira do rio IRIRI/PARÁ, não é apenas um meio de transporte nas reservas extrativistas, cortadas pelos rios, mas a vida se constrói e se faz por meio deles. Entre os mais diversos espaços como as moradias, os

comunitários para atuar nas escolas das três Resex de Altamira (Riozinho do Anfrísio, Rio Iriri e Xingu) e adjacências, como professores dos anos iniciais. (PARENTE, F. A.; LOPES, R. S. ; MILEO, I. S. O. 2020)

lugares de encontros entre uma localidade, os lugares de lazer, a vivência com o rio e o barco traz novos elementos que passam a ser vinculados ao sujeitos. Não é possível separar o barco do cotidiano dessas comunidades. Fonte: Autores 2020

sobre o transporte na reserva Extrativista foi produzido um documentário apresentado no III curta ANPED III Educação diferenciada na reserva extrativista da terra do Meio – Pará <https://www.youtube.com/watch?v=-Z4Rkux-7ZA&t=498s>



Imagem 2. Cerimônia das mulheres(me tor menire biök)

São cerimônias tradicionais da cultura kayapó, que ocorre todo ano principalmente nas aldeias maiores. Nessa cerimônia, somente as mulheres participam e se dividem em subgrupos como: avós, mães e moças, onde cada grupo escolhe suas pinturas e cores de vestes para dançar e cantar. Os homens têm a tarefa de caçar, e em seguida, entregar toda caça para o dono da festa, que prepara o banquete. No final da cerimônia, ocorrem as nomeações de nomes para os filhos do dono da festa.

Fonte: Autores 2020

A escolha pelo uso das imagens se deu porque elas comunicam, e ao comunicar, elas trazem reflexões sobre o contexto e os processos desenvolvidos pelo olhar/experiência e nos apresentam nas decisões ali tomadas no período das aulas e/ou fora dela, incluindo a rotina, as festas e as tradições locais que foram registradas. As imagens partem das formas/maneiras de perceber os sujeitos, os espaços e as histórias ali vivenciadas. Outro fator importante é que muitas vezes no campo educacional e, principalmente, no escolar a imagem não tem um protagonismo principal tanto nos espaços formativos como na pesquisa. “Não obstante, a imagem se manteve em um lugar marginal, seja em processos de ensino, seja em processos investigativos realizados no campo da educação.” (TIBALLI e JORGE 2007 pg 63). O que presenciamos como educadores na sala de aula é a predominância da cultura escrita e da

oralidade, mantendo uma hierarquia hegemônica da linguagem escrita, mesmo sabendo que existe diversas exceções .Nessa mesma perspectiva e trazendo a relevância das,

“ [...]imagens das situações tendo que, em muitas circunstâncias, o potencial expressivo destas, mais rico e polissêmico que o dos textos escritos, auxiliam-nos na tarefa de compreender e de explicar melhor a complexidade e a dinâmica do cotidiano escolar, objetivo de nossas pesquisas e elemento fundamental para a história dele contada/narrada pelos seus *praticantes*.

(ALVES e OLIVEIRA, 2004, p. 19)”



Imagem 3. Educação Escolar indígena.

Educação diferenciada, onde a escola tem como objetivo elaborar um currículo de acordo com a realidade indígena, valorizando sua língua, cultura e crença. Essa atividade foi elaborada pelos alunos das turmas multisseriadas da aldeia Pykatoti. Fonte: autores 2020

**Imagem 4 A construção das casas (kikre) Mëbêngôkre.**

As casas são construídas coletivamente pelos homens da comunidade. Todo o material, a matéria prima utilizada em sua construção é retirada no seu próprio habitat. Um dos construtores relata que: “na natureza encontramos tudo que necessitamos para nossa sobrevivência.” Em algumas aldeias menores, quando há falta de homens, as mulheres ajudam na construção da casa, carregando palhas para cobrir o teto. As casas de pau á pique estão sendo substituída pelas casas de madeira com telhado de brasilite e piso de cimento. Segundo eles, o novo modelo de casa é mais resistente. A casa de pau á pique é mais frágil e, em dois anos de uso, o teto tem que ser restaurado e em algumas aldeias é difícil encontrar palha perto da comunidade.

Fonte: Autores 2020



Imagem 5. A sala de aula na Reserva Extrativista

Nessa imagem da sala de aula no horário noturno, observa-se o uso do gerador de energia. Nesse momento, são feitas as avaliações do dia, a revisão do planejamento pedagógico e a realização de reuniões com as pautas que se fizerem necessárias. O gerador de energia é de grande importância nessas comunidades. Fonte: Autores 2020

Percebemos nesses territórios e dentro desse contexto educativo a necessidade de uma empatia bem peculiar e específica, uma outra sensibilidade. Por vezes, isso é difícil de ser verbalizado em um texto ou em uma pesquisa. Muitas vezes separamos o mundo cognitivo do prático ou as subdivisões, entre o viver, o apreender, o técnico e vivencial. Aqui a intenção é não pensar de maneira separada ou tentando trazer as imagens para potencializar essa conexão. As vivências que tomam forma agora na escrita e nas imagens aqui colocadas, foram construídas nas redes do cotidiano, como maneira de fazer/ser individuais e coletivas. O ponto de partida e de conexão se localizam nas práticas sociais no contexto do cotidiano (CERTEAU, 2009 e ALVES, 2003). Essas práticas podemos colocar como exemplo a coleta da castanha, da produção de farinha, da pesca, da construção das casas, das dificuldades e dos desafios e da raiz cultural dos territórios e desses povos. Essas propostas educativas têm o princípio embasado pela formação do etno desenvolvimento e das etno imagens que buscam

fortalecer a "visão interna ou endógena,e a potência identitária desses povos. Foram construídas com referenciais do homem – natureza e muitas vezes colocada de forma dicotômica e hierarquizada.

Durante o período que os educadores passam nas escolas e/ou nos espaços de formação , desenvolvem uma experiência de maneira orgânica diante de uma série de fatores que poderiam ser denominados de experiências afetiva/educativa. Esta definição muitas vezes não é tão precisa ou possível de ser racionalizada. Para Jorge Larrossa, a experiência é o que nos passa, o que nos acontece,(LARROSA, 2002, p. 21)”. Nesse sentido, o acontecimento da educação “escolar” permite que a partir dos objetivos de uma formação formal e da luta pelos direitos, cria-se um vínculo entre professores -estudantes – comunidade -territorio, mesmo que por um determinado tempo, pelo curto tempo de contato e pela participação na vida e no cotidiano de determinada comunidade ou aldeia, eclodindo novas relações de cumplicidade .



Imagem 6. Redes

A rede é um produto brasileiro de exportação, como é o açúcar, o café e o samba. Os professores trabalham in loco por trinta dias ou mais,diante das distâncias entre a cidade e as localidades das resex. Levam em

suas malas o que será o local de seu descanso. No aconchego brando e acolhedor da rede o professor descansa e sonha. Nesses espaços habitados as redes trazem vidas, histórias e novas vivências sendo compartilhadas nesses dias reinvenções e novas aprendizagens

Fonte :Autores 2020



Imagem 7.O Porto

Esse é o Porto de Maribel, na margem do Rio Iriri (PA). É uma área de proteção da Terra Indígena Cachoeira Seca. Local de chegadas e saídas. Encontros e despedidas. Essa é uma Visão geral do porto, na margem do rio Iriri (PA). A visão é da chegada vindo pelo Rio Xingu. Fonte :Autores 2020

Os professores percorrem caminhos extensos para acessarem essas comunidades amazônicas. Por exemplo do Porto da Maribel até a Reserva Extrativista do Riozinho de Anfrísio, por exemplo, são 600 Km pelo rio. Podem levar de 2 a 6 dias para chegarem, a depender da época do ano que influencia na cheia do rio. Os educadores então, fazem uma imersão no local, o que faz com que vivam o cotidiano, passando muitas vezes vários dias e até meses nos espaços formativos. Com essa imersão, os educadores compartilham dos espaços de lazer, participam de festas e rituais e, também, mediam conflitos do cotidiano numa intensidade maior do que

as que acontecem nas escolas dos centros urbanos. A integralidade entre os educadores, os estudantes e o cotidiano são percebidas por meio das imagens.

Acreditamos que as imagens são portadoras de possibilidades de compreensão ampliada do que é e do que pode ser a prática pedagógica real, escamoteada e tornada invisível “a olho nu” pelas normas e por regulamentos da cientificidade moderna, da hierarquia que esta estabelece entre teoria e prática e dos textos produzidos nesse contexto.(ALVES e OLIVEIRA 2004 pg 34)



Imagem 8 Pintura (o y).

A pintura é uma das formas da beleza indígena, elas estão presentes no seu dia a dia ou em diferentes rituais e cerimônias. Suas formas se baseiam em figuras geométricas, existem diferentes formas de grafismo alguns representam animais como o jabuti (kaprã), cobra (kangá). A pintura corporal é feita através de palitos ou com o uso da própria mão são atividades femininas, mas em algumas ocasiões os homens praticam a pintura corporal na casa do guerreiro localizada no centro da aldeia, sem a presença de mulheres. Os Mëbêngôkre utilizam sempre duas cores de pigmentação, tinta preta extraída do suco de jenipapo misturado com carvão e água, cor vermelha extraída das sementes do urucum.Fonte:Autores 2020

Nesse foto artigo trouxemos imagens frutos de experiências ocorridas em aldeias e na Reserva Extrativista. Quando focamos nas imagens buscamos o sensível, com uma perspectiva do invisível, ou poderíamos dizer as diversas possibilidades interpretativas diante do instante capturado pela vivência individual dos professores nos territórios. Ressaltamos como pontos de rupturas/potências a cultura dentro e fora de sala de aula que foram criadas nos processos de aprendizagem e nas trocas realizadas nesse período, e arriscamos afirmar que diante dessa imersão vivenciada com diferentes modos de vida desses povos vão surgindo



novas maneiras de pensar a educação e suas possibilidades de transformação pedagógica, política, profissional e social .

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. *TEIAS*: Rio de Janeiro, ano 4, n. 7-8, jan./dez. 2003.

ALVES, N.; Oliveira, I. B. Imagens de escolas: espaços-tempos de diferenças no cotidiano. *Educação* Campinas, vol. 25, n. 86, p.17-36, jan./abr. 2004.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano: artes do fazer. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 316 p.

DIDI-HUBERMAN, G. *Cascas* -São Paulo Editora 34, 2017.

LARROSA, Jorge, (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Campinas, nº 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr.

LEA, V. R. Riquezas intangível de pessoas partíveis: os Mëbêngôkre (kayapó) do Brasil Central. São Paulo: EDUSP, 2012.

_____. Povos indígenas no Brasil. Site IZA 1997. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal Acesso em: 11 de Dezembro 2020.

PARENTE, F. A.; LOPES, R. S. ; MILEO, I. S. O. . Pedagogia da Alternância na Formação de Professores Extrativistas: uma experiência na Terra do Meio, em Altamira/PA. *HUMANIDADES & INOVAÇÃO*, v. 7, p. 63-77, 2020.

TIBALLI, E. F. A.; JORGE, Luís Eduardo . A Etonofotografia como meio de conhecimento no campo da Educação. *HABITUS (UCG. IMPRESSO)*, v. 5, p. 63-76, 2007.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.